



DEFESA DE Espinho

DIRECTOR (INTERINO): ANTÓNIO A. SANTOS • SUB-DIRECTOR (INTERINO): AUGUSTO M. MOTA ANO 45 / N.º 2283 / 10 DE JANEIRO DE 1976 — PREÇO 3\$00

EDITORIAL

Caminhos do Socialismo

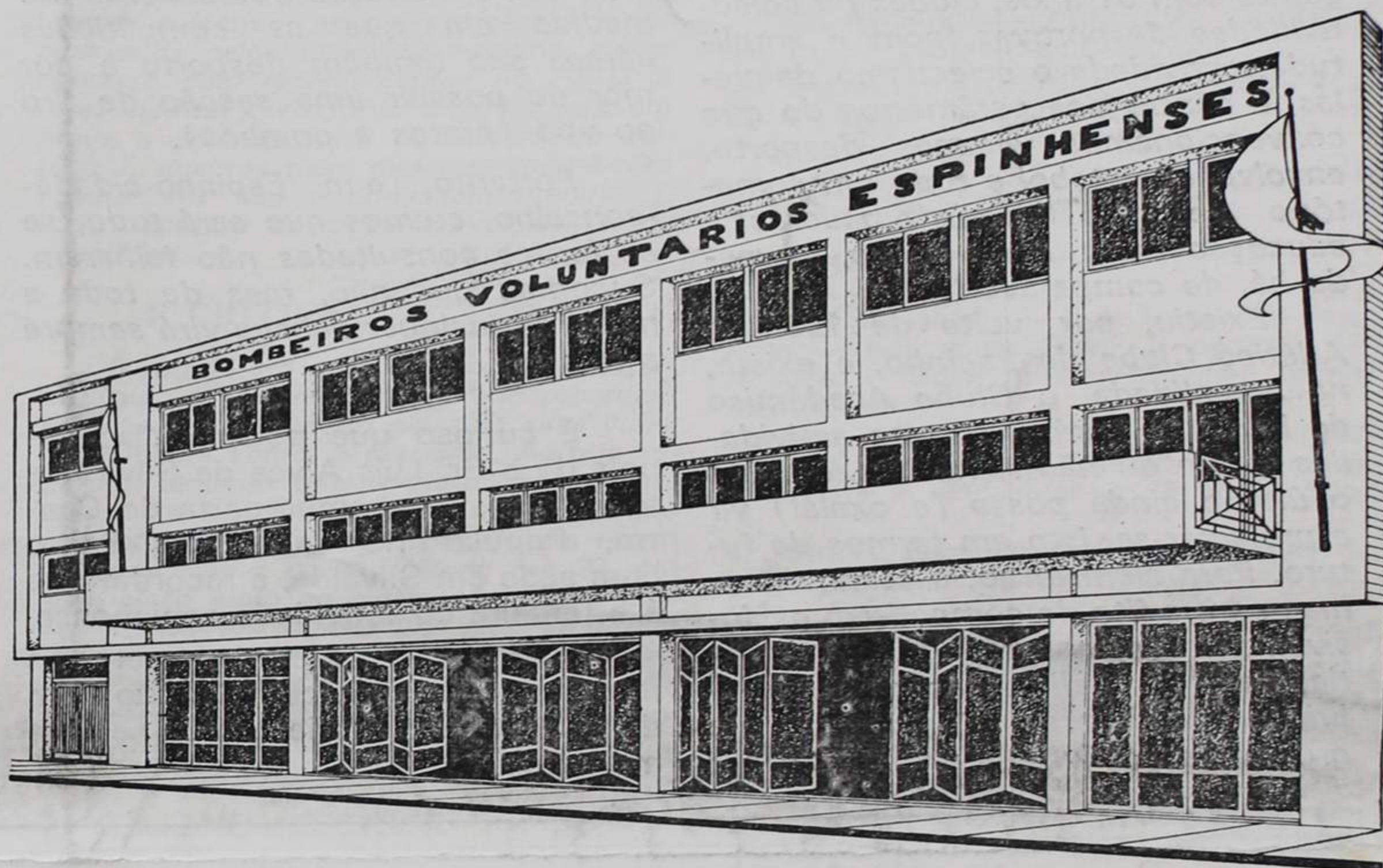
Há caminhos que levam ao Socialismo, e outros não; e há caminhos que ou levarão ou não.

Os acontecimentos do 25 de Novembro encerraram alguns caminhos e abriram outros, considerados preferíveis pelas forças que chamaram ao poder homens de formação política muito diferente da dos militares de esquerda que foram afastados.

Isto quer dizer que a viragem à direita se acentuou com o 25 de Novembro, criando uma nova correlação de forças. Mas também quer dizer, quanto a nós, que terão desaparecido os pressupostos repetidamente invocados por todos aqueles que se têm furtado a um sério empenhamento na construção duma sociedade verdadeiramente socialista, isto é, justa, sem castas, sem exploração, autenticamente democrática.

O 25 de Novembro veio, portanto, pôr-nos perante o dilema: ou todos os que nos dizemos socialistas aproveitamos a conjuntura favorável, em que o receio de assaltos ao poder e à informação já não fazem sentido, e tentamos honesta e afincadamente a prática diária duma verdadeira política socialista — e então a esperança será possível; ou continuamos a radicalizar as nossas posições anti-partidárias, a fazer ou a aceitar saneamentos à esquerda, a escamotear a verdade, e a servir demagogia — e então o caminho aberto pelo 25 de Novembro não levará com certeza, ao Socialismo.

CASA NOVA PARA OS Bombeiros Voluntários Espinhenses



BREVE HISTÓRIA

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Espinhenses foi fundada em 1 de Janeiro de 1928.

Um automóvel usado, adaptado a pronto-socorro, foi a sua primeira viatura, inaugurada em 1930. Apesar dos bons serviços prestados, só em 1949 foi possível adquirir nova viatura.

1934 foi ano importante para a Associação, pelo brilhante trabalho no combate ao incêndio do Convento de Arouca, que lhe mereceu o reconhecimento dos Governantes de então.

A primeira ambulância foi adquirida em 1953, em 2.ª mão. Em 1959 conseguiu-se mais um pronto-socorro, este completamente novo e ainda um auto-

móvel usado, oferecido. Outro material indispensável ia sendo adquirido entretanto. Em 1962, novo pronto-socorro, este de nevoeiro, última palavra sobre a técnica de combate a incêndios. Em 1965 são inauguradas mais duas ambulâncias. Ainda hoje é considerado, no género, a primeira viatura do norte, um pronto-socorro de nevoeiro com a capacidade de 4.200 litros de água adquirido em 1972. A Fundação Gulbenkian ofereceu em 1974 um ambulância mais.

Actualmente todas as viaturas se encontram equipadas com rádio-telefones, no que foram dispendidos cerca de 160 contos.

O valor das obras do novo Edifício-Sede ultrapassa os 3 mil contos.

O dia de aniversário é sempre um dia grato na vida dos homens e das instituições. Mas às vezes há dias de anos ainda assim especiais, por qualquer razão mais belos, mais festivos, daqueles inesquecíveis. Que o diga a Associação dos Bombeiros Voluntários Espinhenses, a propósito do 48.º aniversário da sua fundação! Foi dia grande, dia em que um projecto, desde há longo tempo tão ansiosamente desejado, se fez bela realidade para os olhos da gente. Com cerimonial solene e justo orgulho, foi inaugurado no 1.º dia deste 1976 o Edifício-Sede e Quartel da referida Associação Humanitária.

Casa bonita e grande, confortável mas também funcional, entradas ricamente pavimentadas a mármore, gabinetes alcatifados e paredes forradas a

papel, ótimos sanitários, uma sala destinada a futura biblioteca, dois espaçosos e arejados salões, dos quais o maior com uma cozinha anexa, tem-se ali realmente uma obra digna do maior realce, a justificar plenamente os tremendos esforços que a tornaram possível bem como a «interessante» soma de 3000 contos que ela custou. Há que pôr ainda a render este dinheiro. Estamos certos que as entidades directivas têm a maior boa-vontade no sentido de colocar ao serviço de todos os espinhenses as amplas instalações que agora possuem. Particularmente no plano das actividades de carácter cultural, e outras de reconhecido interesse, a cidade dispõe agora de melhores meios, de me-

TEM A PALAVRA A C. M. E.

Sr. Director da «Defesa de Espinho»:

Já que no n.º 2282 do vosso jornal se publicou o «Balanço Regional» de 1975, muito gratos ficaríamos se nos permitisse os seguintes esclarecimentos:

1.º — VARIANTE À ESTRADA NACIONAL 109 (LIGAÇÃO ESPINHO-MIRAMAR)

Em 21/11/74, enviamos ao Senhor Ministro do Equipamento Social e do Ambiente o ofício n.º 3254/74, expondo as razões, que a juízo da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho, justificavam a urgente execução da Variante à Estrada 109 e sobre este ofício foi, em Janeiro de 1975, determinado pelo Senhor Secretário de Estado das Obras Públicas o seguinte:

«Apesar da reclamada urgência desta obra, não tem sido possível incluí-la nos Planos da Junta Autónoma de Estradas por falta de meios financeiros.

Espera-se poder incluí-la no próximo Plano de 1976, e para isso se procede à elaboração do respectivo projecto, estando já o estudo preliminar em revisão na Divisão de Projectos desta Junta».

Em 19/8/75, insistimos com a Junta Autónoma de Estradas no sentido de acelerar a revisão do «estudo preliminar», de modo a que a obra pudesse ser realmente incluída no Plano de 1976.

Em 15/9/75, recebemos da Junta Autónoma de Estradas o ofício n.º 109 ct informando:

«Em referência ao ofício n.º 3118/75 de 19/8/75, dessa Câmara tenho a honra de informar V. Exa. de que esta Junta tem emvidado todos os esforços no sentido de dar rápido andamento ao estudo em causa.

Não está, porém, nas suas mãos obrigar os outros Serviços a prestar com a conveniente brevidade as informações que lhes são pedidas e cuja demora leva, certamente a anular todas as previsões que havíamos feito. É o caso, por exemplo, de haver sido pedido em Abril p.p. à Direcção Geral dos Serviços de Urbanização o seu parecer sobre o estudo preliminar que ser-

virá de base ao projecto definitivo e o mesmo não ter sido prestado até ao momento, acabando aquela Direcção Geral de informar que aguarda elementos solicitados a essa Câmara».

Em face disto, imediatamente, oficiamos à Direcção de Urbanização pedindo que nos informassem, o mais rápido possível, «quais foram e quando foram pedidos elementos à Câmara de Espinho». Em resposta recebemos o ofício n.º 1818 de 27/9/75, da Direcção de Urbanização, esclarecendo:

«Dou conta a V. Exa. de quanto lamenta a situação criada pelo deficiente andamento do processo relativo à ligação Miramar-Espinho.

Como é evidente, as razões dos lapsos verificados e consequentes atrasos na resolução do assunto em causa são da responsabilidade exclusiva desta Direcção Geral».

Em 22/10/75, a Câmara remeteu à Direcção de Urbanização os elementos, agora pedidos, a fim de ser elaborado o respectivo parecer.

Em 12/12/75, solicitando à Junta Autónoma de Estradas que nos informasse se, entretanto, a Direcção de Urbanização havia remetido o parecer em causa, foi-nos dito que ainda o não havia feito.

Em 20/12/75, recebemos a visita do Senhor Director dos Serviços de Planeamento da Direcção de Urbanização que informou haver já remetido, pessoalmente, o parecer à Junta Autónoma de Estradas.

Estes factos ocorridos, durante a nossa gerência, relacionados com a Variante à Estrada Nacional 109.

No limiar deste novo ano, caracterizado por um inverno singular em que a chuva teima em não aparecer, as nascentes em rebenatar e o frio enregela os corpos, queremos deixar expressa a vontade de tudo fazer para que esta obra fundamental para o desenvolvimento do Concelho, seja, em breve, uma realidade.

(Conclui na pág. 4)

(Conclui na pág. 5)

EU SEI TUDO...

Para respondermos à pergunta do Sr. Luís Alves da Silva acerca de colectividades desportivas espinhenses, recorreremos aos bons e amáveis préstimos do distinto colaborador da D. E., Sr. Carlos Sárria, o qual penhoradamente no-la prestou. Transcrevemos seguidamente o texto que o Sr. Carlos Sárria nos fez chegar:

«Pode-se dizer que Espinho não tem sido muito pródigo em colectividades essencialmente desportivas. Para além do Sporting, nascido em 11 de Novembro de 1914, por conseguinte com 61 anos, clubes ou colectividades desportivas, com a amplitude, actividade e eclectismo daquelas, e dentro dos parâmetros do que convencionamos chamar desporto, envolvendo futebol e todo um somatório de modalidades amadoras e educação física, nada houve, ou nada há, de comparável.

Existiu, por volta de 1936, o Atlético Clube de Espinho, e existe, na actualidade, o Clube Académico de Espinho, porém as suas actividades foram ou não reduzidas, embora o último ainda possa (e oxalá!) vir a projectar-se, isto em termos de futuro. Para além disso, a certa altura, mas com o fito de competirem exclusivamente em competições futebolísticas entre trabalhadores, diversas fábricas espinhenses tiveram os seus grupos desportivos, quedando-se por

ai. Começando também assim, o G. D. Corti/Cotesi, tentou, a certa altura, tornar-se um clube desportivo na acepção da palavra, embora na dependência da sua unidade fabril. Não conseguiu tais intentos.

Como colectividades desportivas, pelo menos dalgum modo e ainda com vida, vida essa com longos anos aliás, podemos considerar o Oporto Golfe Clube, como o próprio nome indica virado para o golfe e esportivamente. Golfe que é desporto, mas elitizado por razões óbvias. Além dessa, o Aero-Clube da Costa Verde, na medida em que as competições aéreas são também desporto e por mor de possuir uma secção de tiro ao voo (pratos e pombos).

Portanto, e em Espinho-cidade-concelho, cremos que será tudo, se as fontes consultadas não falharem. Supomos que não, mas de toda a maneira qualquer achega virá sempre a tempo».

É curioso que poucos dias depois de o Sr. Luís Alves da Silva nos ter escrito, recebemos carta do Centro, Popular Recreativo do Bairro com sede em Silvalde, a recordar que é a terceira colectividade espinhense.

Já agora, ficamos à espera de mais achegas, que, como muito bem diz o Sr. Carlos Sárria, «virão sempre a tempo».

Qual é a pergunta que se segue?...

31 de Dezembro de 1975.

OLDEQUIM

EU SEI TUDO

Do Centro de Recreio Popular do Bairro (na Avenida S. João de Deus, (Marinha de Silvalde), Espinho, colectividade fundada em 26 de Setembro de 1972, recebemos carta em que nos solicitam reportagem à agrêmiação, que está a disputar o Campeonato de Futebol, organizado pelo INATEL.

Como nós — Oldequim — não vivemos (infelizmente...) em Espinho e por isso não podemos dar directamente seguimento à solicitação dos nossos amigos do C.R.P. do Bairro, remeto a carta aos companheiros da Redacção da DEFESA DE ESPINHO, os quais certamente atenderão da maneira mais conveniente o pedido.

Agradecendo ao Centro de Recreio Popular do Bairro o terem-se lembrado de nós para se fazerem lembrados, formulamos votos pelo seu progresso e pela concretização do ideal desportivo por todos os seus associados.

OLDEQUIM

Tuna Musical de Anta

A direcção da Associação Cultural e Recreativa «TUNA MUSICAL DE ANTA», ao finalizar o seu mandato vem, por este meio, despedir-se de todos os seus sócios. Deseja a todos os consócios e amigos da colectividade, um ano 1976 cheio das maiores prosperidades.

Apresenta à sua sucessora os melhores votos de boas-vindas e deseja-lhe as maiores felicidades para o biénio do seu mandato de 1976 a 1977.

Agradece, penhorada e reconhecida-mente a todas aquelas pessoas, sócias ou não, que de algum modo contribuíram para o bem da Tuna (com donativos, prestação de serviços, ofertas, etc., etc.) e que bem hajam.

Pede as suas desculpas a todos para com quem possa ter tido a menor falta, cometida involuntariamente e sem dolo. Despede-se de todos com saudações fraternais e musicais, até um dia.

Anta e sede da Tuna, 2 de Janeiro de 1976.

A Direcção

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

ANÚNCIO

No dia 28 do próximo mês de Janeiro, pelas 14.30 horas, no Tribunal judicial desta comarca, nos autos de carta precatória vinda do Tribunal do Trabalho da Feira e extraída dos autos de execução sumária em que é exequente a Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro e executado ERNESTO MAIA DE ASSUNÇÃO, residente em Corga, freguesia de Silvalde, desta comarca de Espinho, que correm termos pela Secção de Processos da Secretaria Judicial desta mesma comarca, há-de ser posto em praça, pela primeira vez, para se arrematar ao maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo, o seguinte móvel: — Um compressor de ar eléctrico com motor acoplado, da marca FINI, de cor vermelha, com uma pistola.

Espinho, 23 de Dezembro de 1975.

O Juiz de Direito, 1.º Substituto,
(a) Izilda Ferreira Torres

O escrivão de Direito,
(a) José Pinto de Magalhães Júnior
Defesa de Espinho - 10-1-76 - N.º 2283

Comunicado das Farmácias de Espinho

Em virtude do assalto verificado na noite de 4 para 5 do corrente à Farmácia Paiva que se encontrava de serviço permanente em ESPINHO, e a exemplo do que vem acontecendo noutras localidades e em idênticas circunstâncias, as Farmácias locais deliberam o seguinte:

1.º Que a partir do próximo dia 12 do corrente (segunda-feira) ENTRE A MEIA NOITE E AS NOVE HORAS DA MANHÃ, só será atendido receituário médico urgente DESSA NOITE, e para isso o interessado deve primeiro dirigir-se à Esquadra da Polícia de Segurança Pública local, a fim de se fazer acompanhar de um agente de autoridade.

2.º Não deixam de lamentar as Farmácias de Espinho de ter de tomar esta atitude extrema, mas têm de salvaguardar a integridade física do pessoal que serve esse mesmo público, assim como os seus bens.

3.º Pelo exposto apelamos para a boa compreensão do público, e pedimos a sua colaboração.

Espinho, 5 de Janeiro de 1976.

De madrugada

Assalto à Farmácia de Serviço

Cerca das 3,05 horas da madrugada, retiniu a campainha da Farmácia Paiva, pertença do dr. João de Paiva, sita à Rua 19, n.º 319, em Espinho. Note-se que é na principal rua da cidade, a mais bem iluminada e a de maior movimento. O ajudante da farmácia, sr. Fernando Paiva Giestas, de 27 anos, foi atender. Tratava-se de uma moça franzina, teria 16 anos, que pediu comprimidos para a gripe. Foi atendida, pagando 19\$00. Viu-a, então, entrar para um carro, que demorou ainda um tanto e depois abalou.

Cinco minutos seriam talvez passados e pareceu-lhe ouvir o ruído do mesmo carro. Apressou-se a confirmar e certificou-se que o era de facto.

A campainha retiniu novamente. O

sr. Giestas foi novamente abrir a porta, franqueando a entrada, a dois socos. E, ainda não entrara no balcão, sentiu o cano de uma pistola nas costas e a frase crónica: «Isto é um assalto!» De imediato, o outro meliante arrancou o fio do telefone. Os larâpios limpam, da máquina registadora, cerca de quatro mil escudos, e do casaco do referido empregado, 800\$. Levaram o sr. Giestas para dentro do Laboratório intimando-o, de seguida, que não saísse durante quinze minutos, se não estoiravam-no. Mal ouviu bater a porta, ainda correu, mas só teve tempo de ver o carro arrancar.

A P.S.P. de Espinho tomou conta da ocorrência.

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
FAUSTO NEVES
JOAQUIM FIDALGO
JORGE CATARINO
JOSE JOÃO MAIA
JOSE PINTO
MORAIS GAIO
NUNO BARBOSA
VITOR SOUSA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE
PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração
RUA 19 — N.º 62
TELEFONE, 921525
AVENÇADO

Composição e Impressão
OFICINAS GRAFICAS DA
CASA NUN'ALVARES
PORTO

Agradecimento

ALFREDO MÁRIO
D'OLIVEIRA FIGUEIREDO

No anúncio publicado no número de 23 de Dezembro de 1975, por lapso, saiu incompleto o nome do falecido.

Da falta aqui fica a rectificação bem como as nossas desculpas à família.

FRANCISCO PINHEIRO MOURISCA

Missa 30.º Dia

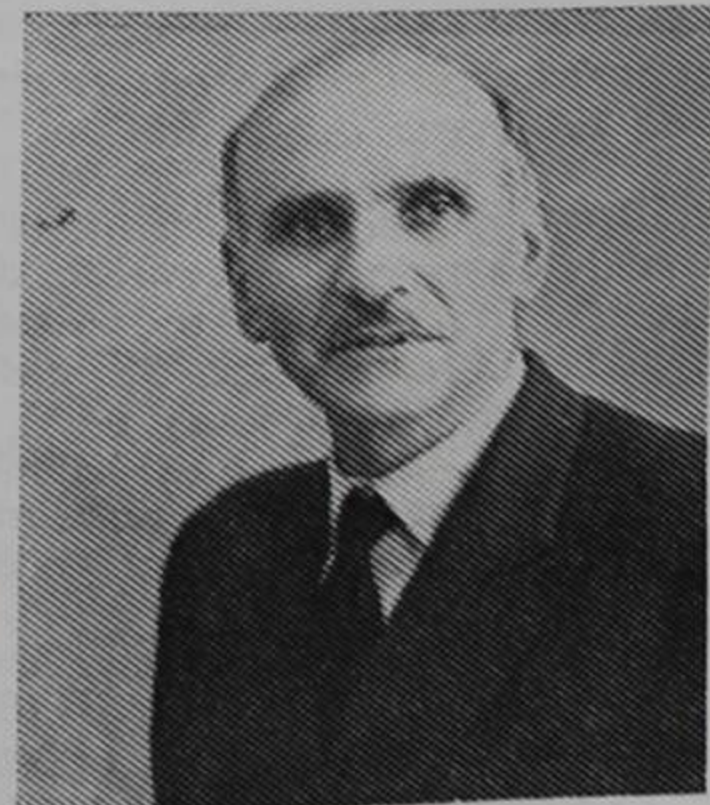
Celebra-se no dia 13 de Janeiro de 1976 na Igreja Matriz desta cidade pelas 19 horas, uma Missa em sufrágio de sua alma.

A todos que comparecerem neste piedoso acto cristão;
Agradece

Carlos Alberto Matoso Mourisca

Maria Amélia Matoso Mourisco

Agradecimento



JOSÉ PINTO DE SÁ

Sua esposa, filhos, e demais família agradecem reconhecidamente, por este único meio, a todos quantos os acompanharam nos momentos dolorosos que passaram, comparecendo ao funeral e à Missa do 7.º Dia.

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda



Como somos? Que interesses nos movem? Quais as perspectivas que se nos deparam perante os múltiplos aspectos da vida social? Como encaramos as realidades diárias da nossa cidade?
E que medida aquilo que somos condiciona a cidade que temos?

PARE, ESCUTE E OLHE!

Várias vezes temos feito referência à preocupante falta de iniciativas que se proponham para uma ocupação mais correcta dos tempos livres de que todos, mais ou menos, dispomos. Até por isso, pelo carácter de exemplo, que é, ao mesmo tempo, uma denúncia, não podíamos deixar de noticiar um facto que não receamos em colocar como um dos fenómenos importantes que se passaram em Espinho nos últimos dias.

Referimo-nos a uma festa para crianças, que teve lugar no salão da Piscina, no passado domingo à tarde. Até aqui que há de especial, perguntará o leitor intrigado, festas para crianças, enfim, vai havendo... Bom mas acontece que esta foi totalmente organizada pelas ditas, exacto, por crianças. E sem apoio (paternalista?) que se note. Mas passemos a palavra a quem de direito, isto é, ao Jorge, ao Quim, à Ivone, ao Fernando, à Helena, ao João, ao José, ao Rui, ao Tono, etc....

— Nós fizemos esta festa, mais dedicada aos filhos de alguns retornados, porque temos um grupo onde tocamos música, em dois conjuntos. E foi para animar a rapaziada que a gente foi pedir o salão à Câmara e improvisamos isto.

Será conveniente dizer que «isto» foi uma tarde a que assistimos com grande prazer, pela novidade de vermos crianças tão entusiasmadas a divertirem-se e di-

vertirem outras com: palhaços, cantigas, concursos, ilusionismo, danças, etc., tudo em ambiente de grande euforia, a que a natural precipitação e improviso davam um ambiente mais animado. Mas ouçamos com atenção:

— Esta festa foi muito de improviso porque nós contávamos poder trazer o nosso conjunto, mas à última hora, falharam-nos alguns instrumentos. E para não termos que avisar as pessoas de que não havia nada, tivemos que improvisar isto.

E acrescentou outro amigo:

— Mas foi um bocado difícil, porque não temos instalações para ensaiar, e também nos falta quem nos dê algumas instruções. O nosso «ensaiador» às vezes não mete respeito aos outros...

E outra voz se ergueu:

— Mesmo assim até já começamos a ensaiar teatro; era uma peça feita por um de nós («uma peça de esquerda», frisou alguém do lado) mas não chegámos ao fim. Agora estas festas (— já organizaram duas) — são uma espécie de ensaio até podermos apresentar o nosso conjunto juvenil de Espinho.

Não comentamos. Fica a notícia objectiva dos factos. Resta-nos tirar as conclusões. Será que algo se mexe?

Recomeço das Aulas

Reabriram as escolas na passada segunda-feira. Os cerca de 6.000 estudantes e talvez 500 professores que trabalham na cidade, além dos que frequentam as escolas das freguesias, voltam a dirigir os seus passos, regularmente, para os seus locais de trabalho. O primeiro período terminou sem notas e isso foi, talvez, mais um dos aspectos que nos levam a concluir que as escolas não começaram ainda, verdadeiramente, a laborar. Não nos têm chegado ecos da

actividade que seria de desejar se instalasse nas nossas escolas para corresponder aos novos ventos que, aparentemente, sopram no ensino. Que se passa com o 1.º ano Unificado? E onde está o novo espírito que se gostaria de ver representado em realizações concretas e a vários níveis? Irá continuar a cidade, e o mesmo será dizer, a comunidade, alheada do que se passa dentro daquelas paredes que todos ajudamos a pagar?

«D. E.» APLAUDE...

O poder de iniciativa de um grupo de jovens seriamente apostados em pôr a funcionar, efectivamente, a Casa da Cultura da nossa cidade, dependente do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ). Já há uns meses que se ouvia falar em «pôr de pé» a Casa da Cultura e esse grupo de jovens, tomando à letra a ideia, decidiu começar precisamente pelo arranjo interior do edifício, estando a trabalhar duramente em actividades que vão desde a carpintaria à pintura. A isto seguir-se-á a utilização das instalações para fins de interesse colectivo, os quais estão já a ser analisados pelos mais interessados, e em contacto com representantes do FAOJ a nível distrital e nacional. Espinho terá em breve a primeira Casa da Cultura do distrito. E quantos mais meteram mão-à-obra (desta vez não é linguagem literária...), mais depressa se poderão ver os frutos desejados...

...E CRITICA

O estado em que se encontram as placas que dão nome a ruas que recordam homens que souberam guiar as suas vidas no combate contra o fascismo. Ao que supomos, algumas dessas placas nunca passaram de simples pedaços de papel que o vento há muito arrancou. Outras foram partidas, como se verifica na rua 23, em cuja placa junto ao cinema S. Pedro estava escrito um nome que não pode ser apagado: General Humberto Delgado. Partidos políticos e Câmara, responsáveis pela colocação das placas, deveriam estar atentos. Ou não?

O CASINO FECHOU

O Casino de Espinho encerrou no passado dia 31, e por alguns meses, as suas portas. Não pretendemos fazer nesta pequena nota o balanço da actividade desse centro da vida local, embora tal seja assunto de interesse. Desejamos apenas anotar o encerramento de um local de atracção na cidade e pôr duas perguntas: como vão ocupar o tempo as pessoas que frequentavam as suas instalações? Não seria possível dar alguma utilidade às instalações, ou parte delas, agora encerradas? Estamos a lembrar-nos, sobretudo, da sala de cinema, que poderia ser posta à disposição de grupos interessados em realizar actividades mas que não disponham de instalações. Não estamos em época de desprezar infraestruturas e supomos que quem de direito, a exemplo do que tem já sucedido, não negaria a colaboração.

FALECIMENTOS

MANUEL PINTO DA FONSECA

No passado dia 2, faleceu nesta cidade o sr. Manuel Pinto da Fonseca, de 78 anos de idade, casado com a sra. D. Maria Gonçalves Teixeira, pai da sra. D. Maria Irene Gonçalves Pinho e do sr. Manuel Gonçalves da Fonseca, sogro da sra. D. Maria Ermelinda Pinto Zenha da Fonseca e do sr. José Soares da Costa Pinho. O funeral teve lugar no dia seguinte da Igreja Matriz para o cemitério municipal.

As famílias enlutadas endereçamos as nossas sentidas condolências.

Faleceram ainda:

LICEU NACIONAL DE ESPINHO

Aviso

Informam-se todos os pais e encarregados de educação dos alunos do L.N.E. de que no dia 17-1-76 (Sábado), pelas 15,30 horas, haverá uma assembleia no liceu com o fim de serem discutidos e aprovados os estatutos da Associação de Pais e Encarregados de Educação dos Alunos do Liceu Nacional de Espinho.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

5.º TURNO

Hoje, sábado, — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 92031.
Amanhã, domingo — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250;
Segunda-feira — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320;
Terça-feira — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 9.0092;
Quarta-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352;
Quinta-feira — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331;
Sexta-feira — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.

CINEMAS

S. PEDRO:

Dia 10, sábado — **Dois homens e uma arma** — Não aconselhável a menores de 18 anos. — Com: Anthony Stephen, Maria Mantin, etc.

Não averiguamos acerca da pontaria do herói e sequazes, mas aconselhamo-lo vivamente a resguardar-se de tal tiroteio.

Dia 11, domingo — **Contos imorais** — Interdito a menores de 18 anos. — Realizador: Valerian Borowczyk.

Se se decidiu a ir hoje ao cinema ver estes contos imorais, tente descobrir qual a razão porque o João Lopes afirma que «a burguesia continua a vender a «imoralidade» que mais lhe convém».

Dia 13, terça-feira — **Ontem ao fim do dia** — 18 anos. — Com: William Holden, Kay Lenz, etc.

Dia 15, quinta-feira — **My Fair Lady** — 10 anos. — Realizador: George Cukor. — Com: Audrey Hepburn, Rex Harrison, etc.

A comédia e o musical têm em George Cukor um dos seus mais fiéis artifices. É certo que «My Fair Lady» não atinge a qualidade de por exemplo, «Assim nasce uma estrela» (A star is born), no entanto a sua visão justifica-se, que mais não seja para descobrirmos os mecanismos duma certa produção americana muito cor-de-rosa, muito musical, muito colorida e com muitos óscares, de antemão ganhos.

Dia 16, quinta-feira — **Massacre em Roma** — Não aconselhável a menores de 18 anos. — Com: Richard Burton, Marcelo Mastroianni, Delia Boccardo, etc.

A problemática da luta antifascista posta em cinema.

A questão para a qual é necessária a nossa atenção é saber quais os termos em que a mesma nos é apresentada, quais as suas implicações e causas, qual a sua origem e o seu desenvolvimento.

Será que mais uma vez a verdade nos é escamoteada em favor dum falso humanismo ou duma análise superficial das questões?

Agradecimento

LICÍNIO DE ALMEIDA CASTANHEIRA DE CARVALHO

Lígia Pinheiro de Magalhães Castanheira, seu filho e seu cunhado Orlando de Almeida Castanheira de Carvalho, vêm muito reconhecidos agradecer a todas as pessoas que assistiram à Missa, e acompanharam o seu extenso marido e irmão à sua última morada.

Vende-se

Terreno, em Espinho

Ângulo das Ruas 27 e 28
óptimo para construção
Telefone, 920897

EM DEBATE

Mortalidade infantil

«Portugal apresenta a taxa de mortalidade infantil mais elevada da Europa, apenas seguido de perto pela Jugoslávia, facto que tem sido apontado frequentemente pelos estudiosos dos nossos problemas sociais, como revelador de uma aflitiva carência de protecção à maternidade, nos seus múltiplos aspectos: alimentação, higiene e assistência médica, relativamente à mãe e à criança, durante o período que compreende a gravidez e o parto e os primeiros meses de vida.» (Raul da Silva Pereira — Portugal em face dos níveis sociais europeus). Que isto é um dado absoluto, irrefutável, e de conhecimento dos mais altos responsáveis desde há muito, prova-o um excerto do «Parecer sobre as contas gerais do Estado para 1959» onde a certo passo se escreve:

«A mortalidade infantil, sobretudo nalguns distritos, constitui uma chaga social e um índice de deficiente nível económico e educacional das massas populares, ao mesmo tempo que de insuficiente protecção materno-infantil». E se assim era em 1959, assim sensivelmente continua a ser.

Semanas atrás noticiáramos que, de acordo com números oficiais disponíveis, o concelho de Espinho é largamente afectado por elevados índices de mortalidade infantil. Como este nos parece ser um problema importante a que é urgente atender, decidimos analisar a questão, dentro das nossas possibilidades, esperando que a exposição pública sirva para um maior debate entre aqueles que alguma coisa de prático poderão fazer para atacar o problema.

«A constituição dos estados diz que a conservação e a preservação da saúde e do poder produtivo dizem respeito a toda a sociedade.»

Um dos grande problemas com que se debate a maioria dos países do mundo é sem dúvida o da mortalidade infantil, pois tem consequências não só morais como materiais, sabendo nós que o desenvolvimento das sociedades assenta na cultura e número dos seus elementos.

Não podemos encarar o problema com o fatalismo natural de Malthus, (a mortalidade infantil é uma medida protectora natural para evitar o excesso de população) ou a selecção natural de Darwin.

Em pleno século XX, em quase todos os países, os responsáveis vêm estudando e aplicando medidas tendentes a melhorar as condições de vida das populações e até em muitos casos a prolongá-la.

Infelizmente muitos países continuam com carências muito graves nos seus serviços de saúde e podemos dizer que entre nós a taxa de mortalidade infantil é bastante assustadora.

Podemos resumir a 4 pontos fundamentais as causas da mortalidade infantil: falta de assistência durante

gravidez e no parto; falta de assistência profiláctica até ao ano de idade; deficiências de alimentação; condições higiénicas do meio.

Um dos factores que tem grande influência na mortalidade infantil é a falta de assistência que é dispensada à grávida, ficando esta sujeita a realizar trabalhos pesados e a manusear produtos tóxicos durante a gravidez, o que muitas vezes contribui para abortos, mal-formação, e mesmo para a morte do feto. A falta de assistência no parto tem como consequências todas as doenças resultantes na criança e por vezes a morte da própria mãe.

Nascendo sãs a maior parte das crianças, tudo depende da sua conservação. Para isso é necessário uma acção de vacinação eficaz e cuidada, dentro de períodos bem definidos em que se imunizam as crianças contra a poliomielite, tétano, difteria, e outras doenças. Esta acção cuidada deve manter-se até ao ano de idade.

Devido às más condições socio-económicas da maior parte das famílias do País, a alimentação das crianças não é racional, isto é, não é uma alimentação própria e eficaz. Assim, em vez de se alimentarem as crianças com leite, e outros produtos próprios para crianças (farinhas, cremes, etc.), alimentam-se as crianças com produtos indigestos (toucinho e carne de porco da barriga) e inclusivamente se ministram vinho e água-ardente às crianças que ainda não têm um ano de idade.

As condições higiénicas do meio nem sempre são as mais desejáveis. Muitas vezes não há saneamento em condições sendo as dejeções efectuadas em simples latas que ficam ao alcance das crianças que assim estão sujeitas a contraírem as más diversas doenças infecto-contagiosas; muitas vezes os dejectos são lançados em zonas onde brincam crianças criando assim condições para o aparecimento dessas doenças.

Nem sempre se têm os devidos cuidados higiénicos com a alimentação das crianças, podendo estas contrair gastroenterites que nestas idades são geralmente fatais.

Tudo isto é ilustratório da falta de infraestruturas capazes de dispensarem uma assistência e uns cuidados capazes à nossa população.

Devido à falta de esclarecimento e de educação sanitária e também devido ao próprio regime social em que estão inseridas, não podem as mães dispensar aos seus filhos todos os cuidados que estes lhes exigem nos primeiros tempos da sua vida.

Como no nosso concelho também existe este grave problema procuraremos ilustrar qual o grau de gravidade de que se reveste contactando as diversas pessoas e entidades ligadas ou directamente responsáveis por este problema.

Espinho 1975
cultural

Não será tarefa fácil construir um balanço de actividades culturais em Espinho durante o ano de 1975. Não porque elas tenham sido inúmeras que se torne complicado enumerá-las e comentá-las. Não porque existam tantas agremiações recreativas que nos vejamos impossibilitados de indagar acerca do trabalho desenvolvido. E muito menos não terá sido uma participação maciça dos habitantes do burgo que transforme este balanço num ideal inalcançável, numa tarefa sobre-humana. Antes pelo contrário e, infelizmente, nada disto sucedeu. Espinho continuou a ser, como a maioria do país, um local peçato, centro do tradicional turismo alicerçado em bases repetidas ao largo dos anos, num ritmo compassado ao som das ondas e das patacas.

Espinho cidade, meio onde a civilização ocidental já penetrou, ao contrário das populações do interior que permanecem num estágio semi-medieval, recebeu-a com todos os vícios que lhe são inerentes. E, tanto num lado como noutro, em aldeias serranas, em cidades cosmopolitas ou de província no ano de 1975 a mobilização cultural das populações é inexistente ou diminuta.

Daí que a nossa dificuldade em organizar um tal balanço não reside em jogar com números astronómicos mas pretender salientar o que foi feito, num tão desértico panorama.

DESILUSÃO DO ANO

Aureolada duma originalidade, nas andanças culturais e recreativas cá da terra, apareceu a Feira Popular, deixando-nos na expectativa do que à volta dela seria levado a efeito, e da movimentação popular que poderia provocar. Encontrando escolhos por todos os lados, procurando em vão colaboração dos meios responsáveis, lutando com problemas humanos e monetários, o núcleo organizador pertencente à Comissão de Festas local viu-se obrigado a cair num programa vulgar, de rotina, com espectáculos mediocres e meia dúzia de pavilhões, com sardinhas, tiro ao alvo, carros eléctricos e futebol de mesa, com excepção ao espectáculo do Seiva Trupe, a peça «Catarina na Luta do Povo», da qual falamos neste jornal, quando da sua primeira exibição no Teatro S. Pedro.

Portanto, apesar das dificuldades que reconhecemos, não se pode deixar de lamentar que se tenha desperdiçado tal oportunidade, ainda que grande parte das culpas se deva a uma população morfa, virada para os seus problemas e prazeres pessoais.

Esperemos que se se tentar fazer algo deste género se medeie mais à distância os prós e os contras para não se cair numa lamentável improvisação, sempre de resultados negativos.

UM «OÁSIS» NO OCEANO

Durante o ano «D. E.» foi-se debruçando sobre a Secção Cultural da AAE e suas actividades, tentando dar aos seus leitores uma imagem desta organização e torná-la conhecida aos olhos de tantos que poderiam e deveriam dar-lhe a atenção que merece. Não é que ela seja o prototipo da perfeição, do exemplar, do excepcional, mas e, apesar dos ataques que certos sectores interessados na cultura de salão, de recitais e de «soirées» elegantes lhe têm lançado, ela continua, remando contra a maré, tentando fazer chegar a cultura a quem esta continua a ser negada. E, mesmo tendo uma actividade regular no ano de 1975, com altos e baixos, com vícios internos, ela continua.

Senão, vejamos quais as actividades levadas a cabo por esta colectividade:

- 1.º — Feira do Livro;
- 2.º — Semana da Juventude;
- 3.º — Criação de alicerces para um Grupo Coral;
- 4.º — Actividades para a criança (teatro, atelier, etc.);
- 5.º — Criação dum grupo de Teatro.

Que as dificuldades, os escolhos internos e externos sejam vencidos, para que Espinho não tenha um embrião cul-

tural mais ou menos em desenvolvimento, mas sim um verdadeiro órgão difusor de cultura, foco de gestação de mais colectividades em prol duma cultura ao serviço das populações.

ALGUMAS TENTATIVAS

1.º — Ainda que possa ser considerado um despeito, não deixamos de focar o xadrez, já que está muito ligado ao raciocínio, à actividade intelectual do indivíduo. Continuando a ser uma ocupação de elites, algumas tentativas têm sido feitas para a sua massificação. Cabe aqui, em Espinho, um papel de destaque à Secção de Xadrez da AAE, que tem vindo a alargar os seus quadros às massas jovens, realizando iniciativas louváveis mas que não devem ser consideradas estacionárias.

2.º — No campo das tentativas, cabe aqui referirmos o papel, ainda que esporádico e irregular, dos Núcleos de Amizade com os países socialistas, de extrema importância para nos pôr em contacto com culturas e costumes diferentes de povos com os quais é cada vez mais importante o fortalecimento de relações.

3.º — Apesar de totalmente leigos no aspecto musical, não queríamos deixar de sublinhar apenas um ponto. Se algo tem feito nesta cidade em prol da divulgação musical, parece-nos que ainda se está muito distante de se ter tornado num meio popular, acessível.

Mais esforços se terão de fazer!

UM VAZIO

Os espectáculos teatrais rarearam em Espinho. Com a excepção do espectáculo (bisado) do «Seiva Trupe» e do oferecido pelo grupo de Teatro da Secção Cultural da AAE, Espinho foi nulo neste campo. Nem os execráveis e famigerados produtos de Vasco Morgado apareceram. O Teatro ignorado! E não será o circuito comercial que o há-de fazer renascer. Cabe aqui o Grupo de Teatro local um papel de que não se poderá esquivar.

UMA CONSTANTE

A «D. E.» tratou, durante o ano que agora terminou, o assunto cinema com uma certa assiduidade. Poder-se-á discordar dos termos em que foi tratado, dos critérios usados.

No entanto ninguém se manifestou — nem o público sem responsáveis pelas casas comerciais — donde se pode concluir que o ano de 1975 continuou a ser igual aos outros, sem participação dos espectadores, constantemente numa situação passiva.

Ao cinema caberia um papel ideal como meio dinamizador duma dada comunidade, no campo cultural. Mas, o ano que passou continuou a obter resultados nulos neste aspecto.

A programação continuou igual (com as alterações introduzidas pelo 25 de Abril), as pessoas ou colectividades com possibilidades de algo fazerem, mantiveram-se mudas e quedas.

Bastam estes dois aspectos para chegarmos à conclusão de que o passado ano em relação a cinema continuou a não ser brilhante. No entanto, duas frequências do concelho (Anta e Paramos) arrancaram com sessões regulares de cinema. Não sendo aquilo que era possível fazer, constitui, pelo menos, aquilo que as pessoas quiseram e podem fazer neste ano que agora se inicia. (A. C.)

CONCLUSÕES

Durante o ano muito se falou de cultura. Bem ou mal, resultando ou não, mas com o firme intento de alertar os locais, de os motivar para uma acção firme e resolvida.

O panorama foi constante, em 1974, como em 1975. Em dois anos que se pretendiam trampolim para uma sociedade mais justa. Que continua a estar distante!

M. G.

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF 920565 — M.te Lirio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

Tem a palavra a C. M. E.

(Conclusão da 1.ª pág.)

2.º — INFANTÁRIO JARDIM DE INFÂNCIA

Em 27/9/74, apresentamos ao Senhor Ministro dos Assuntos Sociais, manifestando a necessidade de ser concluído o «Infantário Jardim de Infância». Tal representação não chegou ao seu destino e, em 29/11/74, por intermédio do Senhor Dr. Carlos Santos Ferreira, da Secretaria de Estado da Segurança Social, fizemos seguir cópia. Em 12/12/74, através da Direcção dos Serviços de Construção e Conservação, recebemos a informação n.º 146/SCC/74, como resposta à nossa exposição. Por nos parecer de interesse para conhecimento do processo passamos a transcrevê-la:

«A construção do Infantário de Espinho, prevista inicialmente em madeira pré-fabricada tipo Seicla, foi adjudicada a esta firma por despacho da Direcção do I.O.S. em 27/12/72, com umas correcções ao projecto inicial consideradas necessárias, pelo valor de 4.084.000\$00 excluindo movimentos de terras e prevendo-se o seu termo em 30/4/73.

A firma ficou de apresentar as correcções, mapas de trabalho e preços unitários, em 3/1/73 e após várias insistências responde em 8/2/73 fazendo notar que quaisquer outras alterações pretendidas introduzir no projecto deveriam sê-lo antes do início do fabrico do material a aplicar; no entanto, não entregou os mapas de trabalho e respectivos preços unitários, voltando I.O.S. a insistir em 7/4/73. A firma Seicla inicia a empreitada com a execução das fundações contínuas tradicionais e os esgotos mas o ritmo lento de tal modo que na data prevista para a conclusão ainda nem sequer iniciada a montagem dos painéis (constou haver dificuldades de fabrico e abundância de encomendas de outros pretendentes).

Uma vez que, apesar das várias insistências feitas pelo I. O. S. junto da Seicla, quer verbais, quer escritos, a obra não prossegue o Instituto comunica por ofício a rescisão do contrato a partir de 31/1/74.

Em 7/3/74, solicita-se parecer do consultor jurídico para resolução do problema

2.º Ainda dada a urgência consultar firmas de outras modalidades de pré-fabricados aproveitando-se assim as fundações, esgotos e pavimentos já executados pela Seicla.

3.º Liquidar a empreitada com a Seicla, solicitar ao Arquitecto autor do projecto de modificação as medições e orçamentos e abrir novo concurso com base orçamental.

Qualquer destas hipóteses dependerá, como é evidente, da decisão daquela Direcção Geral.

Nada mais se me oferece relatar.
A consideração superior.

O Engenheiro Civil

Lisboa, 12 de Dezembro de 1974».

Em 19/12/74 recebemos a visita dos Drs. João Delgado Simões e Ana Maria Lucas, respectivamente presidente e tesoureiro da Comissão Administrativa do I.O.S. que prometeram a melhor boa vontade para a construção do Infantário.

Em 19/2/75 solicitamos ao I.O.S. informações sobre o andamento do processo, não obtendo resposta.

Em 10/3/75 remetemos ao I.O.S. fotocópia duma nota da DEFESA DE ESPINHO estranhando a demora no início dos trabalhos. O I.O.S. responde em 14/3/75 informando que: «o Arquitecto Moreira da Costa está a finalizar as partes desenhadas do projecto, prevendo a sua conclusão e abertura do concurso até ao fim do corrente mês».

Em 17/5/75, comunicamos ao I.O.S. que o senhor Arquitecto Moreira da Costa já havia enviado o projecto e solicitávamos a abertura do respectivo concurso. Não recebemos resposta. Voltamos à carga em 23/7/75 mas sem qualquer êxito.

Em 1/9/75, após termos sabido que o processo se encontrava na «Comissão de Equipamentos Colectivos» para lá oficiámos, mas também sem resultado.

Em 27/9/75, oficiámos ao I.O.S., dizendo: «Como entendemos que as relações entre departamentos oficiais não devem ser caracterizadas por uma linguagem de surdos, muito gratos ficaríamos, nós e o público a quem se deve uma informação pronta e objectiva, se V. Exa. se dignasse responder, o mais rápido possível, ao que tiver por conveniente sobre o assunto em causa». Desta vez não fomos mais felizes. Perante esta atitude de repetido silêncio enviamos um telegrama em 2/10/75 e outro em 9/10/75 que também não mereceram resposta.

Em 10/10/75, outro ofício, agora para a Comissão de Equipamentos Colectivos que respondeu dizendo: «a abertura do concurso para a execução da 2.ª fase da construção do Infantário está dependente da revisão do projecto a que procede o seu autor». Em 28/10/75 comunicamos que o autor do projecto o havia já remetido «completamente revisto». Em 14/11/75, a Comissão acusa a recepção do projecto revisto e informa:

«que se procede, nesta data, à sua verificação com vista à organização do processo para a abertura do respectivo concurso público.

Da análise entretanto efectuada ao projecto, adianta-se, desde já, a necessidade do seu completamento, nomeadamente no que se refere a definição das características técnicas e custos dos equipamentos mecânicos previstos e destinados à Cozinha, Copa de Leites e Lavanda».

Casa nova para os Bombeiros Voluntários Espinhenses

(Conclusão da pág. 1)

lhores possibilidades materiais para levar a cabo as mais diversas realizações. Com esta obra ganharam os Bombeiros e... ganhou Espinho!

Foi vasto o programa da festiva inauguração. Começou logo pelas 9 horas da manhã, com o hastear das bandeiras, com formatura e fanfarra. Mais tarde foram descerradas algumas fotografias, houve a bênção do Edifício-Sede, seguida de missa e romagem ao cemitério. De tarde concentraram-se as Corporações visitantes, chegaram as Entidades Oficiais, onde se destacava o Governador Civil de Aveiro. Este inaugurou solenemente o edifício, descerrando uma placa alusiva ao facto. Depois desfilaram Corporações, com muitos bombeiros e muitas viaturas. Lá fomos distinguindo representações dos Bombeiros Voluntários de Espinho, de Esmoriz, de Ovar, da Aguda, da Vila da Feira, de Ílhavo, de Vale de Cambra, de Oliveira do Bairro, de Albergaria-a-Velha.

As cerimónias culminaram com uma Sessão Solene no salão de assembleias do novo edifício, que se encontrava repleto, a transbordar de gente. Presidia à mesa o Governador Civil de Aveiro, tendo a seu lado o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Espinho, o Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, o Inspector de Incêndios da Zona Norte, os Presidentes das Mesas dos Encontros das Direcções de Bombeiros e dos Comandos de Bombeiros do Distrito de Aveiro, o Presidente da Assembleia Geral dos Bombeiros Voluntários Espinhenses, o Pároco de Espinho e o Comandante da P.S.P. de Espinho.

Foi primeiro orador o Presidente da Assembleia Geral, que saudou as entidades presentes e enalteceu a Direcção e o Corpo de Bombeiros da Corporação. Depois de referir o esquecimento a que tantas vezes é votado o Bombeiro Voluntário, finalizou com um apelo a propósito do Dia Mundial da Paz, apresentando a todos o exemplo de generosidade e amor ao próximo que é o Bombeiro.

Seguiu-se Ernesto Pereira de Oliveira, presidente da actual Direcção e um dos principais responsáveis pela obra inaugurada. Começou por agradecer aos arquitectos e engenheiros de Es-

pinho a sua colaboração gratuita na feitura do Edifício, tendo eles recebido das mãos do Governador Civil o diploma de sócio benemérito da Associação. Público agradecimento e distinção foi também prestada a trabalhadores, sem os quais não teria sido possível tal data: foram muitas as palmas para o pedreiro Joaquim Carvalho dos Santos e para o carpinteiro José. Em seguida foram condecorados com a Medalha de Coragem os bombeiros que haviam combatido dois difíceis incêndios em Águeda e em Gondomar, facto que já lhes valera os agradecimentos das populações dessas localidades (que se situam fora do raio de actividade da Corporação...). Um outro bombeiro recebeu ainda a Medalha de Bons Serviços. Foi finalmente prestado agradecimento à Câmara Municipal e ao Governo Civil, verdadeiros «quadros auxiliares» dos Bombeiros Voluntários por toda a colaboração que têm prestado, inclusivamente no que respeita a subsídios monetários.

Falaram ainda o actual Comandante do Corpo Activo da Corporação, o Inspector de Incêndios, o Presidente da Liga dos Bombeiros e o Vice-Presidente da Câmara Municipal. Foi elogiada a obra feita, foi elogiado o «soldado da Paz», foram feitos votos pelo bom trabalho futuro, foram recordados todos os que haviam tornado possível o Edifício, foi sublinhada a necessidade de as entidades oficiais se debruçarem com mais cuidado sobre os problemas dos Bombeiros Voluntários.

Encerrou a sessão o Governador Civil de Aveiro, manifestando o seu enorme agrado por estar em Espinho e regozijando-se pela obra que se inaugurava. Teve palavras elogiosas para com a obra notável que os Bombeiros Voluntários realizam neste país, requerendo desde há muito a atenção do Governo, que ainda não terá assumido todas as suas responsabilidades neste sector.

E em ambiente de festa, com lágrimas no rosto dos mais antigos e um orgulho algo comovido no olhar de tantos outros, terminaram as cerimónias. Com elas ficava dado mais um passo, um passo grande e importante, na já longa história da Associação dos Bombeiros Voluntários Espinhenses. Junta-se a várias outras uma data significativa, que não mais sairá da memória nem do rol de glórias da Associação: o 1.º de Janeiro de 1976.

J. S.



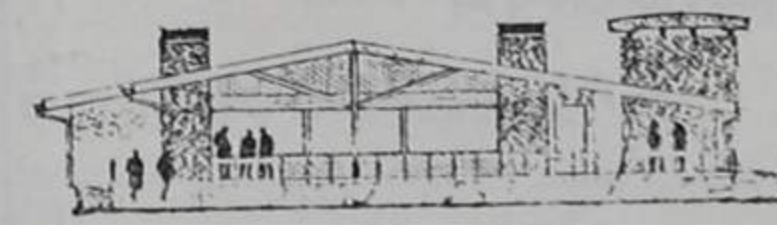
e, entretanto, o Arquitecto autor do projecto modifica-o para construção corrente de betão armado e tijolo. Abre-se concurso para nova empreitada (2.ª fase) em 21/3/74 mas, dada a urgência solicita-se a medição dos trabalhos já executados pela Seicla e previstos executar segundo o novo projecto; ora, este facto originou uma discrepância acentuada as 3 propostas apresentadas, uma da ordem dos 8.800 contos, outra de 11.600 contos e a terceira de 17.800 contos.

Assim, em reunião da Direcção de 20/6/74 é resolvido anular o concurso e propor uma reunião conjunta de representantes do I.O.S. e da Seicla mas que não chegou a realizar-se.

Posteriormente, com base no ofício n.º A-2364/74 de 11/7/74 da Direcção Geral da Previdência, a obra mantém-se suspensa até resolução superior em contrário.

Para que esta obra de construção do Infantário possa prosseguir há, quanto a mim, três hipóteses:

1.º Dada a urgência e a pretender-se manter o tipo de construção pré-fabricado de madeira consultar-se a Seicla sobre a viabilidade da prossecução imediata da obra com uma actualização legal de preços e anulando a rescisão comunicada.



Restaurante 9 9
Snack — Discoteca 2 2
CABANA 3 9
2 6
2 6

CABANA — Sugere aos seus estimados clientes
SNACK-BAR — Pratos do dia economicos

2.ª Feira — Bacalhau à CABANA
4.ª Feira — Chispalhada c/ Feijão Vermelho à Transmontana
5.ª Feira — Frango de Caril à CABANA
6.ª Feira — Peixe à Portuguesa
SABADO — Papas de Sarrabulho com Rojões
DOMINGO — Pratos Especiais

TERÇA-FEIRA — DESCANSO DO PESSOAL
— Preços especiais de OUTUBRO a MAIO —
— Aos Domingos — Matinês Dançantes —

ria, para o que se estabeleceu já o necessário contacto com o Arquitecto autor do projecto».

Em 17/11/75, recebemos do I.O.S. o ofício n.º 5765 respondendo aos nossos ofícios e telegramas explicando:

«Esta Comissão Administrativa foi empossada há apenas alguns dias, estando a inteirar-se dos assuntos pendentes deixados pela anterior Comissão.

De entre eles encontra-se o caso do Infantário a instalar nessa cidade.

Nesta data, este Instituto vai, por sua vez, solicitar à referida Comissão urgência no andamento do citado processo de concurso».

Em 22/12/75, foi comunicado à Comissão de Equipamentos Colectivos que o Arquitecto já remetera «o completamento do projecto».

(Continua)

FÁBRICA HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORA

MATÉRIAS
PLÁSTICAS

(Injecção — Compressão — Extorsão)
(Insuflação — Rotação — Vácuo)

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: **HERCULES**

TELEFONES: 920540 - 921096

APARTADO: 40

ESPINHO

“HERCULES”

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

CASA LUCIANA — Boutique

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brilhos «SÓBRINCA»
e dos artigos de viagem «30»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,

Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS ● ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTÊNCIA

RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE
* * * *

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA



RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO PORTUGAL

LEIA E ASSINE A «DEFESA»

NOTARIADO PORTUGÊS

1.º Cartório da Secretaria Notarial da Feira

a cargo do Notário Lic. Alfredo Bosch da Graça

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 24 de Novembro de 1975, lavrada de fls. 92 verso a 95, do livro D-17, de escrituras diversas, do 1.º Cartório da Secretaria Notarial da Feira, a cargo do notário Lic. Alfredo Bosch da Graça, Armando Teixeira da Silva, casado, de cidade de Espinho, proprietário de uma quota de 450.000\$00 no capital social da empresa «Armando Teixeira da Silva & C.ª, Lda.», sociedade comercial por quotas, com sede na freguesia de Silvalde, concelho de Espinho, dividiu a mesma quota em quatro, sendo três de 100.000\$00 e uma de 150.000\$00; esta cedeu-a a Jorge da Silva Pereira, e cada uma daquelas a Ernesto da Silva Pereira, Raul Gomes Rodrigues e Fernando António Resende e Silva. Ao mesmo tempo renunciou aos poderes de gerência de que estava investido, e autorizou que a sociedade prosiga com a actual razão social, de que faz parte o seu nome e apelidos.

Sendo já sócio o cessionário Fernando e passando a sê-lo os três restantes, todos eles deliberaram elevar o capital social, que era de 500.000\$00, para 1.000.000\$00; e, por isso, para o aumento, cada um dos sócios Ernesto e Raul subscreveu uma quota de 150.000\$00, e uma quota de 100.000\$00, cada um dos sócios Fernando e Jorge, de tal modo que cada um passou a ter quinhão igual no capital social; e alteraram o pacto social no sentido de que os seus artigos 3.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 10.º passassem, como passaram a ter a redacção seguinte:

— 3.º —

O capital social é de 1.000.000\$00, representado por quatro quotas de 250.000\$00, sendo uma de cada sócio; no tocante a 500.000\$00, está realizado pelos haveres sociais, conforme a respectiva escritura social; e no tocante a 500.000\$00 (parte aumentada) foram eles realizados em dinheiro.

— 5.º —

Será livre a divisão e cessão de quotas a favor de descendentes de sócios e a favor do outorgante Armando Teixeira da Silva, se ele quiser novamente ingressar na sociedade.

— 6.º —

As cessões de quotas a favor de quaisquer outras pessoas, só poderão ter

lugar quando consentidas, por escrito, pelos sócios não cedentes.

§ único: Tanto nos casos referidos no artigo 5.º, como nos do corpo do art.º 6.º, ficam desde já autorizadas as correspondentes diversões.

— 7.º —

A gerência da sociedade, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, e dispensada de caução, fica afectada a todos os sócios.

§ único: Se Armando, pessoa indicada no art.º 5.º, vier a ingressar na sociedade, novamente ficará investido dos poderes de gerência, mas em idênticas condições às dos restantes sócios.

— 8.º —

Qualquer dos gerentes poderá assinar nos serviços de mero expediente e nos actos de constituição de simples mandato judicial; nos outros actos e contratos que envolverem responsabilidades para a sociedade, é necessária a assinatura de dois dos gerentes, em conjunto, mas nunca, em caso algum, somente as do grupo Ernesto e Jorge, nem somente as do grupo Fernando e Raul.

§ único: Qualquer dos gerentes poderá delegar noutro gerente os poderes de que fica investido, podendo também fazê-lo no primeiro outorgante, dito Armando, mesmo que da empresa não volte a fazer parte, salvaguardada que seja a restrição respeitante aos ditos dois grupos de gerentes, imposta no corpo deste artigo.

— 10.º —

A sociedade poderá dissolver-se pela simples vontade de sócios que representem, pelo menos, 51% do capital social (maioria absoluta).

Está conforme ao original, nada havendo na parte omissa que amplie, restrinja, condicione ou modifique a parte transcrita.

Vila da Feira, 25 de Novembro de 1975.

O ajudante da Secretaria,

(a) José Soares de Amorim

Defesa de Espinho — 10-1-1-76 - N.º 2283

CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 horas — 14.30 às 19 horas

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações
Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

EXPLICAÇÕES

Ensino Técnico, Liceal e Universitário

Rua 33 n.º 1605

Telef., 922432

ESPINHO

Técnico de contas OU Guarda-livros

Aceito escrita ou escritas dos Grupos A ou B, em regime efectivo ou livro. Exibo credenciais. Estou devidamente inscrito na D.G.C.I.

Manuel R. Silva

Av. Praia — Apartado 5 — ESMORIZ

Ferreira de Campos Dulce de Oliveira Campos

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef., 922210

ESPINHO

J. Pinto Valente

MÉDICO

Com prática dos Hospitais de Paris, doenças das senhoras, clínica geral
Avenida 8 n.º 238 — ESPINHO

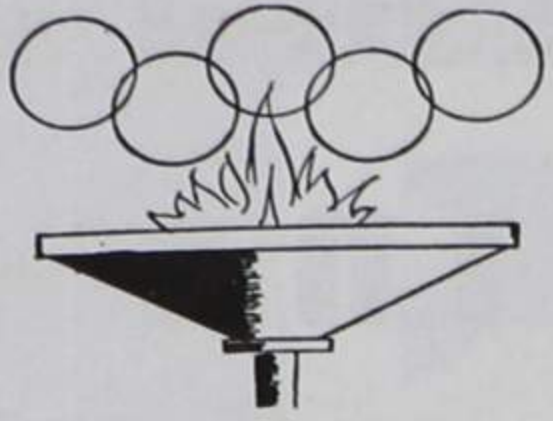
Consultas a partir das 15 horas
Marcações pelo telefone, 920183.

Compra-se

Propriedade entre as Ruas 8 e 26,

7 e 33. Resposta à Redacção ao

N.º 91. Guarda-se sigilo



desporto



QUENTES E BOAS

Segundo parece — pelas opiniões arriçadas directa e indirectamente houve discordâncias quanto às classificações que fizemos no último número, relativamente aos atletas e equipas que mais se distinguiram, em 1975, cá no burgo. De igual modo, quanto aos factos e acontecimentos, positivos e negativos, que apontamos.

Tinha de ser. Aliás, foi a nossa óptica unicamente que prevaleceu. Portanto, admitimos, perfeita e naturalmente, pontos de vista contrários. É um princípio básico da democracia. É um princípio que (felicemente) faz parte da nossa maneira de ser, e sempre o defendemos, e demonstramos, nas colunas deste jornal, desde que nele começamos a colaborar, precisamente em 1969.

Por conseguinte, as discordâncias já as esperávamos. Convém lembrar, apenas, que enquanto nós as aceitamos, alguns dos discordantes, curiosamente, não concordam, de forma alguma, com o ponto de vista que expandimos. Enfim, conceitos de democracia!

Mas, duma coisa podem estar cientes, é que, na nossa classificação, não entram clubismos, facciosismos, parcialismos, simpatias ou antipatias pessoais, nem quaisquer factores a influírem numa análise objectiva, a pecar, (e isso expusemos no artigo), pela falta de elementos mais pormenorizados, pois nunca supunhamos que nos seria pedido, de chofre, esse balanço desportivo anual.

★

A AAE vai perder (pelo menos temporariamente) um dos seus dedicados servidores da actualidade. Precisamente o seu presidente da direcção, Jorge Monteiro, um jovem dirigente que soube corresponder ao serviço do clube, sem embargo de se lhe poderem apontar alguns aspectos a merecerem correcção, mas levamos tal facto à conta daquela natural falta de um traquejo que só os anos eliminarão. De qualquer maneira, Jorge Monteiro mostrou-se um dirigente à altura, trabalhador, dedicado, esforçado, a quem terá faltado o conveniente apoio duma verdadeira equipa directiva.

Jorge Monteiro vai leccionar para a Ilha da Madeira, onde foi colocado pelas esferas competentes. Segundo se sabe, em Espinho, nas nossas unidades escolares,

a nível liceal, faltam imensos professores. Surge como curioso que se mande daqui para fora um indivíduo que, possivelmente, teria assim lugar cá, demais sem se atentar no facto de ter dado provas, bem positivas, de ser um elemento útil (e não há tantos como isso), trabalhador, dedicado, no meio sócio-desportivo local, quer como praticante, quer, sobretudo, como dirigente.

É pena que em certas soluções não entrem a lógica e o realismo.

★

Neste lapso de tempo em que a feitura de «D. E.» teve de obedecer a outras normas, por virtude da quadra natalícia e de ano novo, não foi possível darmos notícia de alguns acontecimentos desportivos que, segundo nos parece, eram merecedores duma referência.

Está neste caso, primeiramente, a segunda prova pedestre, organizada pelo Departamento de Actividades Amadoras do Sporting de Espinho, competição que, como a primeira, alcançou grande êxito popular, agora com quase 400 inscrições. As ruas de Espinho animaram-se, de novo, com os jovens, dos 7 aos 46 anos, em entusiástico despieque, sobressaindo a presença de muita gente de fora, das mais variadas localidades nortenhas, notando-se a inscrição de um número muito maior de «veteranos» (e quanto lamentamos não ter podido engrassar o número!) e a pouca adesão de espinhenses, pois parecem com vergonha de competir só pelo prazer de competir e fazerem exercício físico, tão útil e benéfico.

Certamente que estas provas organizadas pela equipa da DAA do SCE vão continuar (o Armando Figueiredo, mesmo bufando, continuará a pôr a máquina a funcionar e, cada vez mais, impecavelmente, não é?) e, portanto, é bom que os desportistas espinhenses adiram, copiando o exemplo de quantos aparecem nessas provas, vindos de outras localidades.

★

O outro acontecimento, foi uma confraternização futebolística entre as «velhas» glórias do Sporting de Espinho e do Leixões, realizada no Campo da Avenida.

O resultado não estava em causa, embora, desde já, se possa adiantar que o triunfo foi para os matosinhenses por 4-1, pois mostraram-se, sobretudo, muito mais joguinhos e com outro fundo físico, pormenor importante que, a certa altura, fez desequilibrar a balança.

Mas, foi bonito de ver o despieque entre quantos, há uns anos atrás, entusiasmaram os desportistas locais, nas tradicionais e aguerridas «lutas» Espinho-Leixões. E, meus senhores, como o futebol só esquece a quem não sabe, foram belas de ver algumas exhibições dos mais desempoeirados. Da célebre equipa espinhense que, nos anos cinquenta foi coqueluche, estavam quase todos. O Cântara esteve em dia sim, na baliza; o Padrão, no seu estilo habitual, pendular; o Angelo, mostrou má forma física, mas sabe daquilo; o Lopo, fez gala dos seus rompanes e, as tantas, lembrou que, no tempo dele, passava ou a bola ou o jogador; o Cadeta, andou à procura de meter o seu chuto fulminante; o Loureiro, ainda deu uns «nós», porém para centrar...; o Valter, o mais fresco, mas, contra o costume, em dia de pouca inspiração; o Guilherme, deu um «show» de bola, claro em ritmo ameno; o Valdemar, combinou com o seu interior, todavia precisa de ganhar forma física. E, dos faltosos, lembramo-nos, da ligeireza e entrega do Veríssimo, do temperamento e bom jogo do Paulo, do rompante do temível «tanque» chamado Artur Sebastião. De resto outros apareceram a marcar presença, como o Alcobia, o Silva, o Darjo, o Zé Ricardo, o Luciano, o Nascimento, o Luís Raposo, o Ribeiro, o Nicolau, cada qual a deixar, aqui e acolá, a sua «assinatura». A dirigir, claro, o lusitano Gil, sempre preocupado com a tática.

Uma bela jornada de evocação, com a equipa 52 a fotografar-se com o seu treinador Alexandre Rola (o «velho» Alex Rolex), também uma dedicação e antiga glória do futebol espinhense, deixando-se o lugar de avançado-centro em aberto, para o retrato ser levado ao Artur Sebastião, o único que moureja longe de Portugal e que, quando ele lhe chegar, terá a certeza de estar presente na saudade dos desportistas espinhenses e dos seus amigos e companheiros de tantas e tão belas jornadas de desporto.

C. S.

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Assembleia Geral Ordinária

CONVOCATÓRIA

No uso da competência atribuída pelo art. 36.º dos Estatutos, convoco os Senhores Associados para reunirem no dia 15 de Janeiro de 1976, pelas 21 horas na Sede do Clube com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Leitura, discussão e aprovação da acta da Assembleia;
- 2 — Leitura, discussão e aprovação do Relatório e Contas da Gerência de 1975;
- 3 — Eleição dos Corpos Gerentes para 1976.
- 4 — Discussão de qualquer assunto de interesse para a Colectividade.

Espinho, 7 de Janeiro de 1976.

O Presidente da Assembleia Geral

Gerónimo Ferreira Reis

Art.º 37.º — Não havendo há hora indicada a presença da maioria absoluta dos sócios, a Assembleia funcionará 1 hora depois com qualquer número.

NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO — ZONA NORTE

Sp. Espinho, 3 — Paredes, 1

Indícios de (ligeira) melhoria

Foi no «Avenida», arbitrou (bem) Castro e Sousa, de Coimbra, perante uma assistência assim-assim, numa tarde solharenta e (algo) ventosa, alinhando as turmas:

SP. DE ESPINHO — Abrantes; Raul, Washington (Pinto Ribeiro, 87), Gonçalves e Amaral; Gentil, João Carlos e Helder Ernesto (Meireles, 67 m.); Telé, Adilson e Malagueta.

Suplentes: Aníbal, Ribcirinho e Gaúcho

PAREDES — Alberto; António, Helder, Albertino e Mascarenhas; Neca (Cardoso, 78 m.), Toni e Celestino; Vitor, Meireles (J. Jorge, na 2.ª parte) e Carlos Vitor.

Golos: 1—0 aos 18 m. — Centro de J. Carlos, antecipação de TELÉ ao guarda e toque do espinhense para a baliza; 2—0 aos 23 m. — Depois de uma série de ressaltos na área, a bola sobra para J. CARLOS que remata sem hipótese; 2—1 aos 57 m. — Contra-ataque dos visitantes, centro de Carlos Vitor e aparece, rápido, VICTOR a emendar com pontapé colocado; 3—1, aos 58 m. — TELÉ penetra pela direita, faz fintas, entra ssgado na área e do bico da pequena remata quando o guarda saiu a diminuir o ângulo.

Não produziu exhibição de vulto a turma local, mas também não desiludiu. Teve fases de acerto e parece em sentido ascensional agora. O encontro foi bem agradável de seguir, valendo, sobretudo, pela dinâmica, pelo entusiasmo, pela entrega, pela correcção, de ambos os conjuntos. Tudo isso, e até alguns trechos bem jogados, de lado a lado, com o sentido colectivo a imperar, trouxeram-lhe mutações curiosas e que prenderam o interesse. De resto, o Paredes procurou manietar a manobra espinhense, com uma marcação «homem-a-homem» de algumas pedras-chave. Talvez o golo (18 minutos) tenha frustrado dificuldades que tal sistema deixava prognosticar. Isso e a desenvoltura, como a actuação, de alguns jogadores espinhenses, no plano individual. Então, Amaral (com um começo menos certo) tornou a encher o campo e pesa muito no potencial da equipa espinhense. Protótipo de profissional de envergadura, futebolista de muito mérito e gabarito, dá gosto vê-lo actuar. Palavra (e para ele não era novidade) gostávamos de vê-lo na linha média.

No fundo, uma vitória certa, mas os visitantes mereciam, na realidade, a derrota tangencial. Amaral (claro), Gentil, Washington, Telé e Abrantes e Helder Ernesto os de labor mais saliente, embora



VOLEIBOL

Feminino:

AAE, 3 — Carvalhos, 0

AAE — Dina, Nanda, Tucha, Paula, Mira, Lurdes, Mena e Cristina

Juniões:

Sp. Espinho, 3 — AAE, 0

AAE — Fausto, Paulino, Paupério, Aragão, Lacerda, Jorge, Chico e Dário.

Juvenis:

Sp. Espinho, 2 — AAE, 3

AAE — Rogério, Maltez, Baptista, Jorge, Barra, Lacerda, Fidalgo, Duarte e Morgado.

Iniciados:

AAE, 2 — Esmoriz, 1

AAE, 2 — Castelo da Maia (B), 0

AAE, 2 — Leixões, 1

AAE — Orlando, Toni, Ricardo, A. Manuel, Brito, Peixoto, R. Almeida, País, Curral, Luís e Nery.

Os miúdos da AAE conquistaram brilhantemente o primeiro lugar no Torneio organizado pelo Castelo da Maia e ao qual compareceram todas as equipas que anteriormente tinham estado presentes no Pavilhão dos Desportos.

Depois de terem deixado pelo caminho o favorito Esmoriz, venceram na final uma equipa do Leixões muito forte, mostrando que têm para seguir as pisadas da do ano passado, que como se devem lembrar foi vice-campeã nacional.

- ESTABELECIMENTO DE MÓVEIS E DECORAÇÕES
- ESPECIALIDADES EM MOBÍLIAS DE ESTILO SÉC. XVII

✱

JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667—Tel. 921324—Espinho

Adega Escondidinho

PASSA-SE

Por motivo de doença

Falar na Rua 21 n.º 317
ESPINHO

não tenha havido exhibições negativas ou desastradas. Houve (voltou a haver) indícios de certa melhoria global, embora com intermitências.

C. S.

Na Creche do Patronato

O dia 23 de Dezembro último foi dia de festa para o Patronato de Espinho. Instituição que tem vindo a realizar obra digna de realce em prol das crianças da nossa terra (tão pouca gente aqui se lembra das crianças!...), lutava com dificuldades enormes de instalações. Aliás, de todos esses problemas tínhamos já dado informação em recente reportagem («D. E.» de 22-11-75). Pois as coisas agora estão um pouco melhor. Nesse dia 23 foram inauguradas as instalações da Creche do Patronato, mais propriamente um óptimo e espaçoso pavilhão pré-fabricado, cujo preço rondou os 180 contos. E já que se fala em dinheiro: a Câmara vai conceder um subsídio de 75 contos; o Patronato, tinha já amealhado algum; mas mesmo assim... não chega! Com as crianças a pagar mensalidades máximas de 100\$00 (sem comida) ou 300\$00 (com comida), com algumas outras que pagam uma pensão reduzida ou não pagam mesmo nada, com um total de 8 funcionários (entre os quais uma educadora infantil diplomada e uma enfermeira especializada em puericultura) que asseguram a assistência a 150 crianças desde as 6,30 horas até às 18 horas (havendo crianças desde 1 mês até aos 10 anos de idade), com a necessidade de preparar uma alimentação cuidada em ordem ao bom desenvolvimento das crianças, com tudo isso e com a raridade de subsídios, é claro que o dinheiro não pode abundar... Mas vai-se vivendo. O destacamento de Cavalaria do ex-GACA 3 tem prestado o seu auxílio em géneros alimentícios. E agora, para pagar o pavilhão, a direcção do Patronato está ainda esperançada nas possibilidades e na generosidade da Solverde. O que é bem preciso...

Entretanto não se pára. Como nos foi explicando a Sra. Dra. Maria de Lurdes, apesar de este pavilhão ser um belo contributo, as instalações continuam precárias, a cozinha é deficiente, o mau estado da casa há muito requer obras, as salas estão superlotadas, mais do que seria de desejar, os 6 berços para

bébé começam a ser poucos, poucos são os quartos de banho. Mas novos projectos vão nascendo. Na cerimónia quase familiar da inauguração, a que estiveram presentes o Vice-Presidente da Câmara Municipal, o Pároco da freguesia, o Comandante da GNR de Espinho, o 2.º Comandante do Destacamento de Cavalaria (ex-GACA 3) e os responsáveis Padre Costa e Dra. Maria de Lurdes, além de outros assistentes, foi-nos revelado aquilo que ainda é apenas um sonho mas que poderá ser real: alargar as instalações do Patronato de modo a poder receber também os velhos, essa gente de uma 3.ª idade tão esquecida. Muito desejaríamos os actuais responsáveis fazer ali uma «sociedade» de velhos e crianças, onde estas tratariam daqueles e aqueles destas. Não se diz que os velhos são um pouco também crianças?

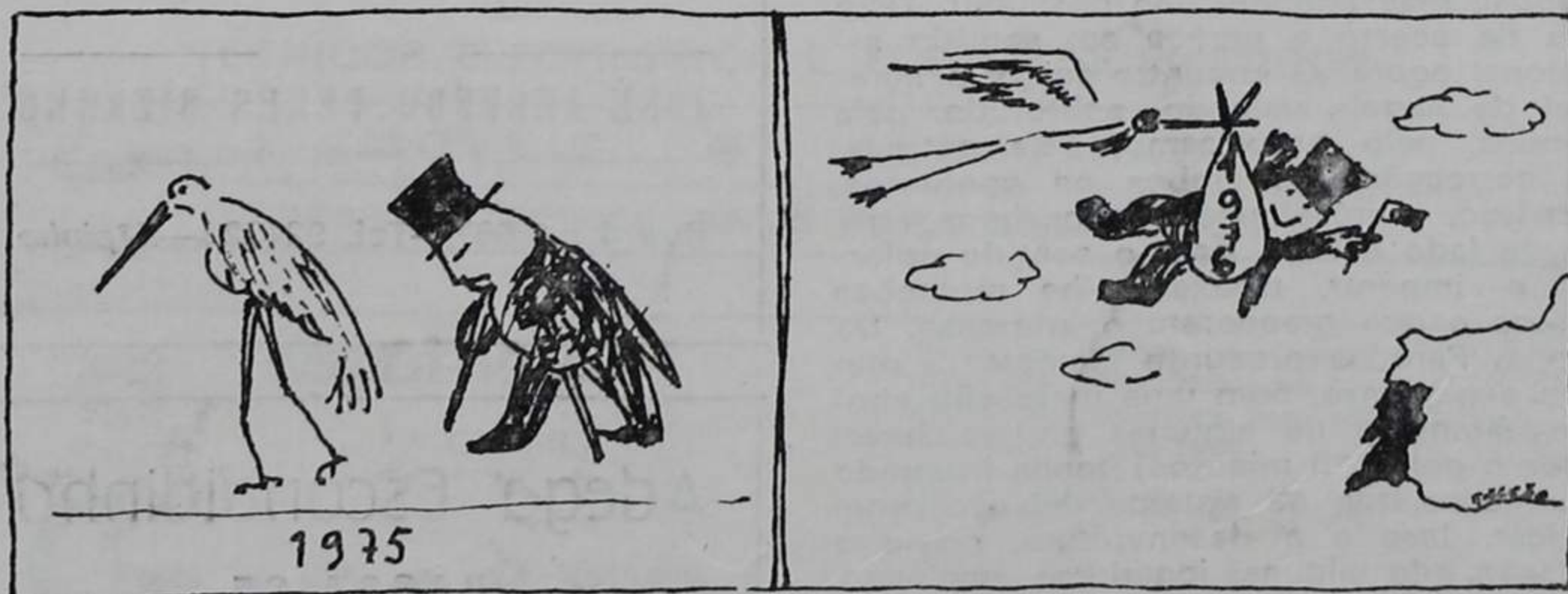
Uma creche não vive só da sua direcção e dos seus funcionários. Vive das crianças e, naturalmente, de quem as envia para lá. Ora muitas vezes os pais não estão informados e conscientes das necessidades dos seus filhos pequenos, nem sabem o que é o Patronato («mas aquilo não é só dos vareiros?»). A opinião da Dra. Maria de Lurdes:

«Há que fazer campanhas para os pais, informando-os das necessidades das crianças, quer em casa, quer nos tempos livres. Ela necessita dos devidos cuidados de atenção, de carinho, de educação, de distracção, de convívio, que pode encontrar aqui mas não em casa, quando pai e mãe trabalham. É preciso que se saiba que isto não é um armazém de crianças, mas um lugar onde elas estão activas desde que entram até que saem, onde são todas iguais, sem quaisquer privilégios de classe, preparando-se para um futuro talvez muito diferente».

Na Patronato de Espinho trabalha-se para a criança. Com sacrifício e com mérito. A propósito, já se lembrou de lá ir dar uma vista de olhos?

J. F.

Os bonecos do Falcão



A "Defesa" precisa de mais assinantes

GAZETILHA

Valha-me a parábola!

Ai o que eu tenho lido de mentiras
E de contradições, ultimamente!
Desacatos. Destemperadas iras
Que atingem e incomodam toda a gente.
Mentiras que distorcem as verdades,
Verdades que descobrem as mentiras...
E assim sucessivamente...
— Bem dizia Campoamor:
«—No hay verdad ni mentira!
Todo es segun el color
Del cristal con que se mira!»
Creio ser de justiça castigar
Os que erram — e os que mentem!
Estas coisas fazem-me lembrar
Esta parábola que vos vou contar;
Ora atentem:

— Naquele tempo ia andando Cristo
Por caminhos da verde Galileia:
Um triste pobrezinho, apenas isto,
Vendo o que pelas terras se semeia.
Ao lavrador que ali, afadigado,
Orientava a sua sementeira,
Pergunta o pobrezinho, interessado:
«—O que é que semeais com tal canseira?»
«—É trigo—o nosso pão—que semeamos!»
«—Pois que trigo vos nasça, é o que au-
guramos,
E com muita abundância!» — Mais adiante,
Cava o seu campo um outro lavrador,
Rosto fechado, todo desamor,
A quem pergunta o bom do caminhante,
Erguendo a voz por sobre os muros pardos:
«—E vós, que semeais? Podeis dizer?»
Responde, em voz agreste, o agricultor:
«—Que tens com isso? Semeamos cardos!»
«—Cardos?!—Pois de cardos há-de ser
A portentosa seara que heis-de ter!»
Cumpriram-se de Cristo as profecias:
—O que foi verdadeiro,
Encheu de trigo as tulhas do celeiro.
Enquanto o lavrador das heresias
Só pôde ver, com desolados olhos,
Um campo só de cardos e abrolhos!

Alberto Barbosa (BEKA)

A morte saiu à rua

Custóias, 1 de Janeiro de 1976. O novo ano tinha começado há pouco mais de 18 horas. Era ainda um bebé. Ainda não se alimentava, a não ser com uma ou duas colheres de água fervida. Ainda não gritava — só alguns fracos vagidos o denunciavam como recém-nascido.

De repente, começou a alimentar-se — de sangue.

De repente, começou a gritar — de dor.

Foi em Custóias, no primeiro dia do novo ano. 4 pessoas entraram nele mas nem da soleira passaram. Criminosos? Não! Apenas pessoas que não podiam aceitar uma situação. Apenas pessoas que ainda achavam justo lutar por uma causa justa. Apenas pessoas cujo único erro (?) foi fugir duma

agressão violenta para serem baleadas pelas costas. Apenas pessoas que nem mesmo antes de 25 de Abril seriam baleadas antes de serem avisadas. A 1 de Janeiro, o aviso veio dentro do chumbo duma bala, de muitas balas.

Depois... outras pessoas tentaram justificar os avisos — balas. Mas, seria possível isso? Como? Simples — deturpando a verdade! Nada mais fácil. De facto nada é mais fácil do que DETURPAR. Mas os 4 que morreram e os milhares que os viram cair provaram que não é fácil deturpar a verdade.

O novo ano alimentou-se de sangue, nas primeiras horas.

O novo ano nasceu vampiro.

D. E.

SEMANÁRIO
AVENÇADO